

DI NICOLA, Giulia Paola; DANESE, Attilio, *Abismos e ápices. Percursos espirituais e místicos em Simone Weil*, Trad. do italiano de Orlando S. Moreira, Coleção Humanística, 7, São Paulo, Loyola, 2003, 309 p.

O chamado universal à santidade significa que toda a humanidade pode viver uma intimidade com Deus na vida do Espírito de Cristo. A experiência histórica de cristãos que vivem em meio ao pluralismo cultural e religioso busca nos exemplos de homens e mulheres que realizaram aquela possibilidade um referencial para sua caminhada. Essas vidas marcadas por autênticas experiências místicas mostram que o amor-*agapé* pode ser “esculpido no humano” e vivido em sua radicalidade.

Amiga de Deus e amiga da vida, Simone Weil viveu intensamente a experiência da proximidade com Deus e com a humanidade no século XX, também conhecido como o século sem Deus. O livro *Abismos e ápices. Percursos espirituais e místicos em Simone Weil* narra a aventura dessa mulher que marcou o nosso tempo em sua curta vida de 34 anos.

Simone Weil vivenciou as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Filósofa brilhante formada pela Sorbonne, movida por profunda solidariedade com os mais pobres, abandonou o

magistério para trabalhar como operária fabril e participar das lutas operárias do início do século XX. Nos anos 1930 vive junto aos operários franceses a grande crise e o desemprego. São anos duros, decisivos em sua vida, nos quais recebe na carne a marca da escravidão, descrita como “trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião”.

Pensadora ferida pela evidência de que “nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga”, Simone deixa um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna: “as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal”.

A “marca da escravidão” e o sentimento de solidariedade levam Simone às portas do cristianismo, que percebe como a religião dos escravos e, portanto, também a sua. Seu itinerário místico será a partir daí um contínuo serviço, um despojamento em vista da união amorosa cada vez mais profunda, da proximidade cada vez maior com os pequenos, os humildes, os desprezados, os “párias” da modernidade.

Nesse abaixamento que a enlaça no amor às carências do humano, Simone

é progressivamente seduzida pelo Mistério cristão. O pensamento da Paixão de Cristo penetra-lhe o fundo da existência: sente-se vivendo a continuidade daquela Paixão, daquela vulnerabilidade doadora de si mesma em meio às dores do mundo. Em 1938 tem uma experiência mística profunda ao sentir-se tomada pelo Cristo, como presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano: “No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado”.

Sua fascinante aventura mística e espiritual teve interlocutores de peso – como o Padre dominicano Perrin, e o escritor católico Gustave Thibon – com os quais partilhou sua experiência mais profunda, assim como suas resistências a pertencer explicitamente à instituição eclesial pela recepção do Batismo. Em sua evolução interior, a filósofa que depois se converte ao Cristo concebe o amor como partilha até as últimas conseqüências de todas as dificuldades e dores do outro bem-amado. Esta compaixão traz para o centro de sua vida a marca indelével da Cruz. Simone é a mística da contemplação de Deus na miséria humana.

Pode parecer estranho que Deus nos ofereça lições de cristianismo por meio de uma judia, que recusou o batismo para seguir junto aos “párias” de seu

tempo. Aos olhos instalados nas certezas rotineiras das razões teológicas e políticas, ela é “insensata” e “herética” em sua declarada repugnância para com a religião fundada em promessas de riquezas e poderes. Entretanto, de uma impressionante atualidade e profundidade sem igual, seus escritos continuam inspirando e fortalecendo a fé dos filhos da modernidade que não cessaram de buscar o Sentido da vida e a fé no Deus da revelação.

O livro de Giulia di Nicola e Attilio Danese, que figuram entre os mais profundos conhecedores da obra de Simone Weil, chega em hora oportuna. É um momento em que o mundo, convulsionado e oscilante em todas as suas certezas, busca uma luz que lhe mostre o caminho. A figura dessa mulher, intelectual brilhante, mística ardente e militante intrépida pode iluminar a busca de muitos.

Pouco conhecida no Brasil, Simone Weil tem muito a dizer aos leitores de nosso país, seja no meio acadêmico, religioso ou simplesmente letrado. Sua mística feita de abismos e ápices seguramente ajudará os que buscam uma experiência de Deus a ser vivida e compreendida no contexto da crise da modernidade que hoje vivemos.

*Maria Clara Luchetti Bingemer
PUC-RJ*

CHARLES H. KAHN, *Pythagoras and The Pythagoreans. A Brief History*. Indianapolis / Cambridge : Hackett Publishing Company, Inc., 2001, 193 p.

Este trabalho do Prof. Charles Kahn vem se juntar à rica contribuição que representa, para os estudiosos da filosofia antiga, suas obras anteriores: *Plato and the Socratic Dialogue*; *Art and Thought of Heraclitus*; *Anixamander and the Origins of Greek Cosmology*. Isto sem mencionar o grande número de artigos que o situa como uma das principais referências atuais em filosofia antiga.

Nesta obra, Charles Kahn nos oferece uma extensa e original apresentação da tradição pitagórica, e não somente do antigo pitagorismo (capítulos I a IV), sob o qual pesam as dificuldades próprias e comuns a maior parte dos pensadores anteriores a Platão (dentre as quais o caráter legendário da figura de Pitágoras, e a distância no tempo das principais fontes de que se dispõe para seu estudo, dois neo-platônicos que viveram quase um milênio depois de sua morte), mas também de todo o pitagorismo e de sua influência desde a antiguidade até o início da era cristã (da Antiga Academia – capítulo V -, até o período Helenístico e Imperial – capítulos VI, VII e VIII) . Seu trabalho é ainda enriquecido por um interessante estudo sobre a herança pitagórica, cobrindo os principais domínios em que esta se faz notar: o ocultismo e o sobrenatural, a doutrina da *metempsychosis* e o vegetarianismo, a matemática, a música e a astronomia. Ao fazê-lo coloca em evidência a importância que tiveram as doutrinas oriundas do pitagorismo em diferentes momentos da história da filosofia e da ciência.

Embora não seja usualmente visto como o primeiro filósofo grego (o que é tradicionalmente atribuído a Tales de

Mileto), Pitágoras é no entanto uma figura fundamental do Iº século da história da filosofia antiga. Em um certo sentido, entretanto, ele foi o primeiro filósofo, o que lhe é creditado em razão de ter sido o primeiro a empregar o termo. Mais significativo porém é o fato de ter sido o primeiro a conceber a filosofia como um modo de vida.

Uma das dificuldades no estudo do Pitagorismo reside na ausência de escritos do fundador e dos seus primeiros discípulos em virtude do caráter fechado dos ensinamentos dos seus primeiros tempos. Nem sempre é possível distinguir os ensinamentos originais dos acréscimos e adaptações dos quais foram objeto. É o caso, por exemplo, do vegetarianismo associado à vida dos Pitagóricos, que não parece ter sido praticado desde o início, embora regulações dietéticas de algum tipo (como é o caso da proibição de comer favas) fossem certamente importantes. Apesar disso, a partir do que é conhecido sobre Pitágoras, nós podemos chegar a uma apresentação conveniente de sua figura em face do que sucessivas gerações atribuíram-lhe como idéias e atividades, principalmente porque muitas dessas atribuições não foram refutadas.

Os argumentos plausíveis de Charles Kahn mostram que, em muitos pontos a natureza das práticas e os muitos elementos da teoria do Pitagorismo se encaminham em direções diferentes. Alguns aspectos menores da vida pitagórica foram apropriados pelos Cínicos e se encontram ecos de sua presença no Estoicismo. Por exemplo, a prática diária do auto-exame que aparece nos escritos de Sêneca e Marco Aurélio parecem estar em acordo com o Pitagorismo. Do ponto de vista teórico, a crença na importância dos números e da harmonia reaparecem em

Platão. O papel desempenhado pelas idéias pitagóricas em sua própria filosofia e no desenvolvimento do Platonismo tardio ocupa uma parte importante deste livro. Surpreendentemente talvez, este tema é esboçado nos trabalhos de Johannes Kepler.

Um exame dos estudos que anteriormente versaram sobre o tema, revela virtudes e lacunas. Consideremos, por exemplo, a obra de W. Burkert, *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism* (1962-1972). Se por um lado ela contribui a mostrar como a doutrina pitagórica foi alterada ou inventada pelos discípulos imediatos de Platão, por outro ela insiste em demasia sobre um Pitágoras líder religioso e cultural, uma espécie de guru, em detrimento do cientista ou do filósofo. O que, segundo Charles Kahn, foi colocado em relevo pela obra de Leonid Zhmud, *Wissenschaft, Philosophie und Religion im frühen Pythagoreismus* (Berlin, 1997), ao apresentá-lo como o grande intelectual inovador.

Poderíamos ainda lembrar alguns dos títulos que apareceram em língua portuguesa nos últimos anos: *Pitágoras e o tema do número* (de Mário F. dos Santos, IBRASA.); *Pitágoras* (de W. Rutherford, trad. pela Mercury); *Pitágoras e os Pitagóricos* (de J.-F. Mattéi, traduzido pela Paulus). Entretanto o trabalho de Kahn supera todos estes em extensão e profundidade.

Charles Kahn observa que a maior parte dos trabalhos conhecidos no século XX foram consagrados a Pitágoras e ao antigo pitagorismo, deixando apenas entrever a fortuna de sua doutrina nos períodos sucessivos da anti-

guidade. Estudos mais recentes sobre a aurora da ciência moderna não cessam em reconhecer a importância das tradições Pitagórica e Neo-Platônica em pensadores como Copérnico e Newton. Sobre este ponto constata: « O re florescimento moderno do pensamento dos pitagóricos é um fenômeno que não recebeu muita atenção dos estudiosos do antigo Pitagorismo – não igualmente de Chaignet, que discutiu o reaparecimento da tradição pitagórica no Renascimento. » (p. x).

Todos estes aspectos fazem a novidade do presente trabalho, além de oferecer a estudantes e pesquisadores, mas também aos não estudiosos, um acesso mais amplo e crítico às fontes que permitem uma reconstituição do movimento pitagórico, tão presente em nossa cultura, mesmo se nem sempre considerado com o devido rigor.

O modo como o autor percorre o conjunto dos *topoi* que acabamos de mencionar torna o seu texto acessível tanto como uma introdução àqueles que se iniciam no estudo da filosofia e ao grande público, como àqueles que se dedicam com mais profundidade ao estudo do pitagorismo. Esses encontrarão nestas páginas intuições novas que nutrirão suas pesquisas e fomentarão a curiosidade sobre questões sempre presentes no estudo sobre o movimento pitagórico. Como escreve o autor, seu livro se propõe a oferecer uma visão geral do conjunto da tradição, período por período, refletindo os resultados das pesquisas mais recentes.

Miriam C. D. Peixoto
ISI-CES, BH